

## FEUERBACH E O PROCESSO DE SECULARIZAÇÃO OCIDENTAL

Francisco Jozivan Guedes de Lima<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo pretende demonstrar a compatibilidade entre o pensamento filosófico de Feuerbach e o processo de secularização ocorrido no mundo ocidental moderno. Para Feuerbach, o tempo, o corpo e a matéria constituem as expressões fundamentais do homem. Deus é concebido como uma projeção da subjetividade humana e a história é entendida como um processo de humanização do homem e não como uma teodiceia. Nesse sentido, o antropológico e o secular se sobrepõem ao religioso e ao teológico.

**Palavras-Chave:** Deus, Religião, Secularização, Subjetividade.

**ABSTRACT:** This paper aims to demonstrate the compatibility between the philosophical thought of Feuerbach and the secularization process happened in the western world modern. For Feuerbach, the time, the body and the organic matters constitute the fundamental expressions of man. God is conceived as a projection of human subjectivity and the history is understood as a humanization process of man; the history does not understood as theodicy. In this sense, the anthropological and the secular occupy the space of religious and theological.

**Keywords:** God, Religion, Secularization, Subjectivity.

Muito se fala em secularização, sobretudo a partir do viés sociológico, mas pouco se tem escrito sobre a contribuição dos filósofos para esse fenômeno tão pertinente na contemporaneidade. Em sentido contrário a essa tendência, este artigo objetiva expor de modo sintético as compatibilidades entre o projeto filosófico de Feuerbach (1804-1872) e o processo de secularização ocorrido no mundo ocidental moderno. A confluência precípua entre a filosofia de Feuerbach e a secularização –

---

<sup>1</sup> Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). [jozivan2008guedes@gmail.com](mailto:jozivan2008guedes@gmail.com)

confluência esta que constitui o fio do condutor deste artigo – estrutura-se, sobretudo, mediante a ideia que o homem moderno deve gerir de modo autárquico seu processo histórico, sem depender de uma força transcendente criadora e demiúrgica que pudesse conferir sentido ao mundo. Tanto para Feuerbach como para a plataforma de sustentação ideológica da secularização, o sentido da vida e do mundo é algo que remete ao próprio homem, à sua subjetividade, ao ser social e à sua historicidade – uma cosmovisão advinda do processo de ruptura com o modo de pensar teocêntrico e espiritualista medieval, ruptura esta emergida dentro do renascimento, do racionalismo e do empirismo, e, ulteriormente, fortalecido dentro de correntes filosóficas mais próximas ao desenvolvimento da filosofia feuerbachiana como é o caso do iluminismo e do materialismo histórico marxiano.

Anterior a Feuerbach, Kant (1724-1804) já tinha posto na *Crítica da Razão Pura* alguns elementos de sua filosofia transcendental que podem ser tomados como fortes subsídios teóricos que consubstanciam o processo de secularização. Deus, no nível da razão teórica, é pensado como um postulado, como uma condição de possibilidade, e não como uma existência ou evidência óbvia. A razão teórica para o filósofo de Königsberg só é capaz de comprovar objetos que têm sua existência embasada fundamentalmente na sensibilidade.

Kant defende a tese que a razão trabalha em vão quando suas especulações ultrapassam o mundo dos sentidos<sup>2</sup>; acerca de Deus não se tem “pedra-de-toque”, ele não é um fenômeno, mas uma ideia que está para além das potencialidades da razão pura. Ou seja, nos limites da razão, não é possível provar ou refutar a existência de Deus. Deve-se atentar que o que se está em jogo aqui é a refutação kantiana às provas fisiológicas, cosmológicas e ontológicas da existência de Deus. Ou seja, o escopo da refutação é bem direto e circunscrito, a saber, desmontar a argumentação filosófico-teológica de Agostinho, Tomás de Aquino e Anselmo que estruturavam as provas da existência de Deus de um modo fortemente metafísico – tomando Deus como uma obviedade da razão – sem, portanto, se perguntar sobre as condições de possibilidade e

---

2 Cf. KANT. *Crítica da razão pura*, p. 368.

limites da razão no que concerne ao acesso a Deus enquanto objeto da razão teórica.

Não só no campo da epistemologia, mas também na filosofia da linguagem é possível encontrar elementos que influem na secularização. Wittgenstein (1889-1951), no *Tractatus*, é um bom exemplo disso. Logo na primeira proposição ele conceitua o mundo como a totalidade dos fatos<sup>3</sup>. O mundo é a realidade total que é expressável linguisticamente. A amplitude da minha linguagem está limitada aos objetos do mundo e, concomitantemente, o mundo é extensível aos limites da minha linguagem. “Como seja o mundo, é completamente indiferente para o Altíssimo. Deus não se revela *no mundo*”<sup>4</sup>. Deus não é objeto da linguagem, ele é o *místico*, o *inefável*, é objeto de contemplação, de modo que “sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar”<sup>5</sup>.

O intuito deste artigo em destacar Feuerbach como aquele que ofereceu um grande contributo ao processo de secularização advém da agudeza de sua própria obra. Aí se encontra uma crítica radical e direta à religião e a todas as doutrinas metafísicas que alienam o homem, pondo-o para além do seu mundo concreto e real. A religião, a teologia, a metafísica, o idealismo hegeliano são os alvos principais da crítica. A meta é trazer o homem de volta a si, à comunidade, ao mundo, à história e, *ipso facto*, à concretude da vida. Para isso, é necessário secularizar.

Metodologicamente esta pesquisa está dividida em dois tópicos fundamentais: (i) a explicação da categoria “secularização”; (ii) e a contribuição feuerbachiana para o processo de secularização. Com a explanação desses dois tópicos a pesquisa pretende fundamentalmente oferecer os elementos centrais para se pensar a secularização nas obras de Feuerbach e, assim, suscitar o interesse de outros pesquisadores em investigar tal problemática.

Para cumprir seu objetivo a pesquisa utilizar-se-á, mormente, dos escritos *Necessidade de uma reforma da filosofia* (1842), *Teses provisórias para a reforma da filosofia* (1842), *Princípios da filosofia do futuro* (1843), e das obras *Pensamentos sobre morte e imortalidade* (1830), *A Essência do Cristianismo* (1841), *Preleções sobre*

3 Cf. Proposição 1. WITTGENSTEIN. *Tractatus logico-philosophicus*, p. 135.

4 Cf. Proposição 6.432. Idem, p. 279.

5 Cf. Proposição 7. Idem, p. 281.

*a essência da religião* (1851), e *A Essência da religião* (1845).

### A categoria “secularização”

Etimologicamente, secularização advém do latim *saeculum* que significa cem anos e, num sentido lato, denota a ideia de algo histórico e terreno, ao invés de a-histórico e celestial. A própria etimologia já nos remete à cisão entre aquilo que se pressupõe como sagrado e aquilo que é profano (histórico/telúrico).

Segundo o sociólogo austríaco Peter Berger o termo secularização “foi usado originalmente na esteira das guerras de religião para indicar a perda do controle de territórios ou propriedades por parte das autoridades eclesiásticas”<sup>6</sup>. Já na ótica de Hubert Lepargneur, a secularização designa o processo que inclui de um lado a libertação dos diversos elementos culturais (economia, política, literatura, artes, direito, etc.) do controle das Igrejas e dos dogmas, e, de outro lado, a libertação do próprio homem da Igreja, dos dogmas e do próprio Deus “(...) contestado na sua transcendência, na sua natureza, na sua existência”<sup>7</sup>.

De um modo geral, a secularização, dentro do contexto ocidental, implica a perda ou vulnerabilidade do caráter sagrado, de modo que o homem moderno passou a conceber os acontecimentos como eventos meramente mundanos e, destarte, passíveis de explicação a partir de sua própria racionalidade.

Se na Idade Média, teocêntrica, Deus é fonte e causa última de explicação dos fenômenos, na Modernidade, antropocêntrica, o homem toma para si atribuições dantes divinas e se interpõe como o construtor e demiurgo dos fenômenos intramundanos e, *ipso facto*, coloca em questionamento tudo aquilo que remete ao supralunar. Isto é, o tempo do homem (cronológico-*Χρόνος*) tornou-se preponderante perante o tempo divino (*kairológico-Kαιρός*), o tempo eterno, recepcionado na linguagem religiosa como o “tempo da graça”.

Sucintamente pode-se dizer que a secularização repercutiu em todas as

---

6 BERGER. *O dossel sagrado*: elementos para uma teoria sociológica da religião, p. 117.

7 LEPARGNEUR. *A secularização*, p. 12.

esferas da vida humana: na *política* se deu a autonomização do Estado moderno perante a Igreja pondo, assim, fim à velha aliança entre Estado e Igreja (*cesaropapismo*); na *economia* as proibições eclesiásticas do acúmulo de riqueza foram suplantadas pela mentalidade capitalista do homem burguês; na *moral*, que segundo Nietzsche, seria a “melhor maneira de conduzir a humanidade pelo nariz”<sup>8</sup>, o homem libertou-se da visão do pecado, das *teonomias* e tornou-se autônomo (projeto iluminista); no *Direito* os códigos eclesiásticos deram lugar ao código civil.

Na *ciência*, a fogueira dos hereges foi apagada e entrou em cena o projeto de autonomização do saber científico protagonizado, sobretudo, por Francis Bacon, Galileu, culminando no positivismo de Comte. O cientista passou a conceber a natureza como dessacralizada. A visão mecanicista de mundo levou o homem a intervir livremente no *cosmos* para, assim, descobrir suas leis e mecanismos próprios de funcionamento.

A ideia da dessacralização da natureza e sua relação com a secularização estão bem destacadas em Feuerbach quando o mesmo afirma que a existência da natureza não se baseia na existência de Deus, mas, pelo contrário, é a crença na existência de Deus que provém da limitação do homem perante os mistérios do cosmos<sup>9</sup>.

Esse *Entzauberung der Welt* (desencantamento do mundo) – expressão de Max Weber – invadiu as próprias religiões que se tornaram como que entidades capitalistas que na contemporaneidade disputam fiéis como se estivessem disputando clientes. É nesse sentido que Peter Berger fala em “livre mercado religioso”:

Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser colocada no *mercado*. Ela tem que ser ‘vendida’ para uma clientela que não está mais obrigada a ‘comprar’. A situação pluralista é, acima de tudo, uma *situação de mercado*. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-

8 NIETZSCHE. *O anticristo*: ensaios de uma crítica ao cristianismo, p. 354.

9 Cf. FEUERBACH. *La esencia de la religión*, p. 31.

se comodidades de consumo<sup>10</sup>.

Postos os traços gerais da secularização e suas implicações para as diversas esferas da vida social que influenciam no *modus vivendi* contemporâneo, este artigo agora investigará as contribuições da filosofia de Feuerbach para esse fenômeno.

### Feuerbach e a secularização

Mesmo não utilizando a terminologia “secularização”, Feuerbach diagnostica de forma clara esse fenômeno nos seguintes termos: “para o lugar da fé, entrou a descrença; para o lugar da Bíblia, a razão; para o lugar da religião e da Igreja, a política; a terra substituiu o céu, o trabalho substituiu a oração, a necessidade material o inferno, o homem o cristão”<sup>11</sup>.

Esse diagnóstico aponta para um homem moderno independente de Deus e lançado na política, entregue ao Estado que, nessa nova ordem, constitui o espaço privilegiado onde o indivíduo tem o poder de autodeterminação, ao invés de sujeitar-se às determinações religiosas. Nesse novo contexto, o absoluto perde sua legitimidade e, conseqüentemente, a materialidade torna-se o critério precípua para a veracidade das coisas.

Nas *Teses provisórias para a reforma da filosofia* a ideia de absoluto é posta em xeque nos seguintes termos: “o ‘espírito absoluto’ é o ‘espírito defunto’ da teologia, que assombra como *fantasma* a filosofia hegeliana”<sup>12</sup>. O infinito compreende-se, portanto, dentro da finitude humana, de modo que o espírito absoluto agora se torna espírito finito, subjetivo e objetivo, material, algo que é captado através da arte, na medida em que esta concebe a vida mundana na qual vivemos como a única

---

10 BERGER. *O dossel sagrado*: elementos para uma teoria sociológica da religião, p. 149.

11 FEUERBACH. *Necessidade de uma reforma da filosofia*, p. 16.

12 FEUERBACH. *Teses provisórias para a reforma da filosofia*, p. 22.

verdadeira<sup>13</sup>.

Neste sentido, a filosofia do futuro deve ter como pressuposto a tese central que “o começo da filosofia não é Deus, não é o absoluto, nem o ser como predicado do absoluto e da ideia – o começo da filosofia é o finito, o determinado, o *real*”<sup>14</sup>. Na nova filosofia secularizada o homem torna-se “(...) o objeto único, universal e supremo da filosofia – e faz da antropologia (...) a ciência universal”<sup>15</sup>. Na compreensão de Draiton Souza, para Feuerbach, “a tarefa da filosofia consiste, então, em dar ao homem consciência de si, em descobrir que toda teologia é uma antropologia inconsciente de si”<sup>16</sup>.

A “humanização de Deus”<sup>17</sup> e a antropologização da teologia são postas de modo contundente em *A essência do cristianismo* onde Feuerbach expõe sua crítica ao teísmo e defende a desdivinização e dessacralização da religião, instituindo assim elementos pertinentes que erigem o humano, o terreno, o histórico e, *ipso facto*, o material como categorias centrais da sua filosofia.

A legitimação do processo de secularização em Feuerbach parte da tese fundamental que não é Deus que cria o ser humano, mas a divindade teológica é compreendida como produto da subjetividade antropológica e, por isso, uma “projeção mental”:

A consciência de Deus é a consciência que o homem tem de si mesmo, o conhecimento de Deus o conhecimento que o homem tem de si mesmo (...) Deus é a intimidade revelada (...) a religião uma revelação solene das preciosidades ocultas do homem, a confissão dos seus mais íntimos pensamentos, a manifestação pública dos seus segredos de amor<sup>18</sup>.

Nas *Preleções sobre a essência da religião*, Feuerbach ratifica essa ideia da

---

13 Cf. Idem, p. 23.

14 Idem, p. 24.

15 FEUERBACH. *Princípios da filosofia do futuro*, p. 97.

16 SOUZA. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*, p. 71.

17 FEUERBACH. *Princípios da filosofia do futuro*, p. 37.

18 FEUERBACH. *A essência do cristianismo*, p. 44.

antropologização da teologia quando afirma que sua filosofia é embasada na tese que a teologia é simplesmente antropologia, de modo que “Deus” nada mais é que a essência do homem. Desvendar os mistérios divinos é, nesse sentido, descobrir as próprias obscuridades do interior do homem. Objetivamente, a tese supracitada implica que a história da religião significa tão-somente a história do próprio homem<sup>19</sup>.

A religião entendida no sentido tradicional significa para Feuerbach “(...) a cisão do homem consigo mesmo”<sup>20</sup>, ou seja, é uma espécie de alienação porque estabelece uma relação de oposição entre o divino e o humano, o infinito e o finito, a imanência e a transcendência, o perfeito e o imperfeito, o eterno e o transitório.

A secularização, assim, rompe com essa dicotomia e traz o homem de volta para si mesmo, para a história, para a vida, para a sua mundaneidade. Trata-se, portanto, de uma nova conjuntura onde o homem na sua relação com o outro se torna o protagonista da história. Se a religião comumente leva o indivíduo a isolar-se no processo de interiorização, a secularização por sua vez incita o indivíduo à vida comunitária porque “a solidão é finitude e limitação, a comunidade é liberdade e infinitude”<sup>21</sup>.

Essa ideia da relação entre secularização e vida comunitária está clara em *Pensamientos sobre muerte e inmortalidad*, quando Feuerbach defende a tese fundamental que ser é comunidade, e ser para si é tão-somente isolamento<sup>22</sup>. Ou seja, a comunicação, isto é, a abertura para o outro, eleva-me para além da minha personalidade hermética tornando-me um ser espiritual, não no sentido teológico, mas no sentido secularizado de alteridade<sup>23</sup>.

## Considerações finais

---

19 Cf. FEUERBACH. *Preleções sobre a essência da religião*, p. 29-30.

20 FEUERBACH. *A essência do cristianismo*, p. 63.

21 FEUERBACH. *Princípios da filosofia do futuro*, p. 98.

22 Cf. FEUERBACH. *Pensamientos sobre muerte e inmortalidad*, p. 203.

23 Cf. Idem, p. 201.



O intuito fundamental deste artigo consistiu em demonstrar que as teorias filosóficas de Feuerbach podem ser concebidas como fortes contributos para o processo de secularização. Sua obra é marcada pela necessidade de trazer o homem de volta ao mundo concreto, rompendo com a trivial dicotomia entre finito e infinito, humano e divino. Para isso foi necessário antropologizar a teologia e criticar todo tipo de pensamento que nega a primazia do homem na história. Como salienta Schütz,

Feuerbach soube trazer para o mundo sensível do dia-a-dia o fundamento humano de fatos e ideias que, antes, eram apenas explicados pela religião ou pelo idealismo abstrato. Propôs-se a mostrar que a história é o processo de humanização do homem e não teodiceia. Busca o fundamento antropológico da religião<sup>24</sup>.

Poder-se-ia, portanto, consolidar essas reflexões apontando quatro características fundamentais da filosofia feuerbachiana que corroboram sua relevância para o processo de secularização: (a) a tese da singularidade do homem; (b) a questão da temporalidade; (c) a tese sobre a origem da religião; (d) a relação entre fé e amor.

(a) *A tese da singularidade do homem.* Nas *Preleções sobre a essência da religião*, Feuerbach destaca que a concepção bíblica de homem que concebe Adão como a representação de todos os homens conduz à dissolução da individualidade. O homem secularizado, pelo contrário, não pode ser pensado em termos universais, mas em termos concretos, como um indivíduo que pertence a um contexto específico: “Minha existência, minha essência é individual, pertenço à raça caucasiana, e dentro desta ainda a um ramo determinado, o alemão”<sup>25</sup>.

(b) *A questão da temporalidade.* Para Feuerbach a temporalidade é a expressão fundamental da concretude humana. O indivíduo é um ser temporal que um dia há de desaparecer<sup>26</sup>. Isso implica num conceito secularizado de história. A história não remete mais a um mundo eterno e imutável, ela não é mais vivenciada em função de

---

24 SCHÜTZ. *Religião e capitalismo*: uma reflexão a partir de Feuerbach e Marx, p. 19.

25 FEUERBACH. *Preleções sobre a essência da religião*, p. 109.

26 Cf. FEUERBACH. *Pensamientos sobre muerte e inmortalidad*, p. 113.

um mundo divino, mas em prol da própria vida concreta. “História é, portanto, vida, e a vida é história; uma vida sem história é uma vida sem vida”<sup>27</sup>.

(c) *A tese sobre a origem da religião*. Nas *Preleções*, Feuerbach sustenta a tese que “o deus cristão, assim como o pagão, surgiu no homem e a partir do homem”<sup>28</sup>. A diferença entre ambas as divindades deriva da diferença entre o homem cristão e o pagão, de modo que o pagão é patriota e adora os deuses locais (politeísmo), e o cristão é “cosmopolita” e, por isso, adora um deus universal e único (monoteísmo)<sup>29</sup>. Disso pode-se inferir que, dentre estes, Feuerbach optaria pelos deuses pagãos, haja vista serem condizentes com os princípios da diferença, da singularidade e da historicidade.

Mas, se Deus ou os deuses derivam *no* e *do* próprio homem, qual seria a motivação fundamental para esse surgimento? Para Feuerbach, Deus, os deuses e as religiões nascem do medo: “O sentimento de dependência do homem é o fundamento da religião”<sup>30</sup>. Nas *Preleções*, o autor deixa claro que o medo é a “mola mestra da religião”<sup>31</sup>. A impotência do homem em responder os enigmas do mundo a partir de si mesmo faz como que ele projete um ser para além de sua finitude e limitações, isto é, um ser que é concebido como perfeito, divino.

(d) *A relação entre fé e amor*. O homem secularizado feuerbachiano não é levado pela fé, mas pelo amor. A fé é contrária ao amor, no sentido que o amor une e a fé separa:

A fé é, portanto, essencialmente partidária. Quem não é a favor de Cristo é contra Cristo. A meu favor ou contra mim. A fé só conhece inimigos ou amigos, nenhuma imparcialidade; ela só se preocupa consigo mesma. A fé é essencialmente intolerante<sup>32</sup>.

Enfim, esta pesquisa quer concluir suas investigações tecendo a seguinte

---

27 “Historia es por lo tanto vida, y la vida historia; una vida sin historia es una vida sin vida.” Idem, p. 156.

28 FEUERBACH. *Preleções sobre a essência da religião*, p. 31.

29 Cf. Idem, p. 30.

30 “El sentimiento de dependencia del hombre es el fundamento de la religión.” FEUERBACH. *La esencia de la religión*, p. 23.

31 Cf. FEUERBACH. *Preleções sobre a essência da religião*, p. 38.

32 FEUERBACH. *A essência do cristianismo*, p. 253.

crítica a Feuerbach: Em *A essência do cristianismo*, o autor deixa claro que “a religião, pelo menos a cristã, se abstrai do mundo (...). O homem religioso leva uma vida afastada do mundo, oculta em Deus, tranquila, destituída dos prazeres do mundo”<sup>33</sup>.

É bem provável que essa crítica de Feuerbach tenha como alvo os segmentos religiosos intimistas e espiritualistas, aquelas ordens religiosas de cunho mais monástico focado na clausura e na “fuga do mundo e dos prazeres”, as ditas seitas ascéticas, mas não atinge em cheio os segmentos religiosos de cunho mais pastoral e encarnados nas lutas sociais, sobretudo, quando se pode lançar um olhar para a América Latina e as atividades pastorais de algumas igrejas que lidam com o tema da libertação dos oprimidos.

O próprio processo de secularização fez com que a religião cristã, de modo específico a católica, revisasse suas posturas doutrinárias, sobretudo, a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), tornando-se, assim, cada vez mais voltada para a dimensão social e para a práxis libertadora. Um exemplo disso são as Comunidades Eclesiais de Base, a Teologia da Libertação e outras frentes católicas atuantes que lutam por um mundo mais justo na esfera social. Isso implica que, atualmente, o cristão não pode ser simplesmente enquadrado e rotulado de um modo generalizado como um indivíduo tranquilo, afastado do mundo, refugiado em Deus e indiferente às questões concretas do mundo como identificara Feuerbach. E como dito acima, tal mudança – a de indivíduos religiosos mais voltados para o mundo secular – foi operacionalizada diante das demandas e exigências do processo de secularização, pois fechando-se às exigências seculares, as religiões seriam idialogáveis e sujeitas à extemporaneidade.

## Referências

BERGER, P. L. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. 4ª ed. Trad. José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 2003.

---

33 Idem, p. 92.

FEUERBACH, L. A. *A Essência do Cristianismo*. 2ª ed. Trad. José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *La esencia de la religión*. 2ª ed. Traducción de Tomás Cuadrado. Madrid: Editorial Páginas de Espumas, 2008.

\_\_\_\_\_. *Necessidade de uma reforma da filosofia*. In: Princípios da filosofia do futuro e outros escritos. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.

\_\_\_\_\_. *Pensamientos sobre muerte e inmortalidad*. Traducción de José Luis García Rúa. Madrid: Alianza Editorial, S. A., 1993.

\_\_\_\_\_. *Preleções sobre a essência da religião*. Trad. José da Silva Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. *Princípios da filosofia do futuro*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.

\_\_\_\_\_. *Teses provisórias para a reforma da filosofia*. In: Princípios da filosofia do futuro e outros escritos. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1988.

KANT, I. *Crítica da razão pura*. Trad. Valerio Rohden e Udo Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

LEPARGNEUR, H. *A secularização*. São Paulo: Duas Cidades, 1971.

NIETZSCHE, F. W. *O anticristo: ensaio de uma crítica ao cristianismo*. 3ª ed. Trad. Rubens R. Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SCHÜTZ, R. *Religião e capitalismo: uma reflexão a partir de Feuerbach e Marx*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2001.

SOUZA, D. G. de. *O ateísmo antropológico de Ludwig Feuerbach*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1994.

WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. 2ª ed. Trad. Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: EDUSP, 1994.